

TRADUÇÃO COMENTADA: singularidades e especificidades

Rosana de Fátima Janes Constâncio
Universidade Federal da Grande Dourados UFGD
rojanesinterprete@gmail.com

RESUMO: Este trabalho se propõe a realizar uma tradução comentada de um artigo escrito por autores surdos, intitulado “Os surdos nos rastros da sua intelectualidade específica”, capítulo 7, do livro Estudos Surdos II, escrito por Franklin Ferreira Rezende Júnior e Patrícia Luiza Ferreira Pinto. Para esta análise fundamentou-se no referencial teórico de Vasconcellos e Barbosa; para análise textual o modelo funcionalista proposto por Christiane Nord. Os principais resultados evidenciaram que o ato da tradução envolve dificuldades, estudos, pesquisas e a compreensão referencial e metodológica para obter um resultado de qualidade que seja fidedigno ao ato tradutório.

Palavras-chave: tradução comentada – processo da tradução – língua de sinais brasileira.

ABSTRACT: This study aims to realize a commented translation of an article written by deaf authors titled "Deaf people in the wake of their specific intellectuals", Chapter 7, the book Deaf Studies II, written by Franklin Ferreira Rezende Junior and Patricia Luiza Ferreira Pinto . This analysis was based on the theoretical framework of Vasconcellos and Barbosa; textual analysis to the functionalist model proposed by Christiane Nord. The main results showed that the act of translation involves difficulties, studies, research and referential and methodological understanding to get a quality result that is trusted to translational act.

Keywords: annotated translation - translation process - speaking Brazilian signals.

Alguns estudos de tradução e interpretação buscam entender toda a singularidade que tal ato exige, principalmente quando esta tradução e interpretação consideram línguas de modalidades diferentes como o ato de interpretar a singularidade para a língua de sinais. O objetivo deste estudo foi de realizar uma tradução comentada de um texto científico que apresenta a narrativa de autores surdos com formação acadêmica narrando seus conflitos e anseios vivenciados até se constituírem como *ser surdo* no encontro com seus pares.

Para a realização deste estudo foi necessário apresentar e definir determinados conceitos contextualizando-os a fim de entender a evolução, as dificuldades, as escolhas, os estudos que permearam o desenvolvimento da tradução comentada.

A relevância deste trabalho é o de apresentar uma nova maneira de entender o desenvolvimento do ato da tradução realizando-se um comentário com as dificuldades e os norteadores para obtenção do êxito em uma tradução de um texto científico escrito para uma tradução em língua de sinais.

A tradução tem sido definida de várias maneiras sendo considerado um termo multifacetado, pois envolve a arte de dominar, transferir, transladar vertendo o conceito, o significado e o sentido de uma língua para outra.

Destarte, os estudos da tradução apresentam diferentes maneiras de perceber e compreender a importância da língua na vida de um ser humano uma vez que a função social da língua posta em uso não se restringe à mera comunicação, mas é primordial na constituição intelectual do ser humano.

Portanto, a língua é a fonte de entendimento do mundo, fonte da vida, pois faz se necessária para a comunicação entre pessoas, povos, cultura e, a identidade de cada um. Dessa forma torna-se condição essencial para a existência. Sabemos que é um desafio mental a tradução entre línguas, sendo um desafio ainda maior quando ocorre entre línguas de modalidades diferentes, pois envolve habilidades de raciocínio, destreza, fluência para obter êxito na tradução.

Para corroborar com uma boa tradução comentada foi necessário dividir o presente artigo em partes a fim de entender o raciocínio dos autores e a mensagem a ser atingida pelo público alvo. Neste sentido a reflexão dos termos e a busca de sinais correspondentes para o ato demandaram pesquisas em dicionários, glossários, pessoas sinalizadoras fluentes nas línguas (surdos e intérpretes) para a tradução.

Os temas que serão apresentados e abordados nos capítulos deste estudo tratam sobre o “Referencial Teórico” fundamentado com as teorias de Vasconcellos e Aubert com estudos na área da tradução considerando as especificidades e particularidades que envolvem o ato da tradução interpretação e os envolvidos no processo. Apresenta as especificidades que o ato da tradução demanda e os principais norteadores para tal ato.

A “Metodologia” explica os passos, o levantamento da terminologia definindo os sinais para cada terminologia, organizando os conteúdos do texto e o planejamento da filmagem e da refilmagem uma vez que foram necessárias quatro edições até chegar a uma edição significativa que narrasse toda a subjetividade e singularidade presentes no texto científico tão bem redigido e narrado pelos autores surdos objeto da tradução comentada. O planejamento realizado fez uma análise considerando aspectos como: objetivo geral, ideia principal, função textual, terminologias específicas, as etapas do processo e as observações finais e pontuais para o desenvolvimento de um bom trabalho de tradução comentada.

A “Análise Textual” faz um levantamento das terminologias e do glossário com as decisões e justificativas pelas escolhas dos mesmos que contaram com a contribuição e discussão dos termos com intérpretes e surdos envolvidos na área da educação, as dificuldades que envolveram escolhas para transmitir com fidelidade o sentido da mensagem que o texto científico se propunha a apresentar. Na elaboração do glossário consta o registro dos sinais em escrita de sinais. Para auxiliar nesta etapa o modelo de Christiane Nord serviu como referencial para entender as questões da tradução considerando os fatores externos e internos ao texto.

Na “Tradução Comentada” ocorre uma análise e discussão crítica sobre o ato da tradução considerando a fluência, escolhas, clareza e fidelidade ao texto original discutindo com a literatura especializada para explicar a execução e escolhas da tradução com as devidas referências oportunizadas no curso e outras, frutos da pesquisa para obtenção de uma análise da tradução com fidedignidade para tal fim.

Nas “Considerações Finais” apresento as conclusões pertinentes do processo de tradução que ocorreram durante desenvolvimento deste estudo com suas dificuldades, escolhas e as possíveis contribuições de uma análise de tradução comentada para todos os envolvidos na área e também para que todos possam compreender as especificidades que demanda uma tradução comentada.

TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O termo Tradução pode ter diferentes conceitos, conduzir, transferir, transpor, transladar, revelar, explicar, manifestar, explanar, representar, simbolizar entendendo o sentido de “passar de uma língua para outra” e, é neste sentido que será desenvolvido a tradução comentada.

A atividade de tradução é uma das mais antigas do mundo sendo a forma que os homens de diferentes línguas encontraram para se comunicar. A tradução busca romper as fronteiras linguísticas não somente nas línguas orais, mas também nas línguas de sinais.

Existem modalidades linguísticas distintas que envolvem o ato da tradução e que precisam da negociação de palavras e sentidos para estabelecer a comunicação sendo necessária a presença de um mediador (que pode ser o tradutor, intérprete ou mesmo programa de tradução) quando vivenciam a cultura de ouvintes e de surdos.

Neste caso a língua posta em uso é uma língua viso espacial com regras, gramática, estrutura própria com as mesmas singularidades das línguas orais sendo reconhecida no Brasil em 24 de abril de 2002, como LIBRAS. No Brasil as modalidades destas línguas compreendem a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais.

Sabe-se que uma língua não é composta apenas por significados e significantes, há toda uma cultura intrínseca nesta língua. Um processo historicamente constituído, que revela e apresenta características de um povo (no sentido mais amplo). Por isso, podemos dizer também que o processo de tradução é uma “negociação”, pois não existe a equivalência perfeita, não há uma tradução única que envolve:

* Língua fonte/de saída/de partida para língua da qual se faz a tradução.

* Língua alvo/meta/de chegada para língua a qual se faz a tradução

Partindo desta premissa na década de 70 a comunidade científica reconhece o campo disciplinar Estudos da Tradução iniciando estudos e pesquisas entre línguas de modalidades diferentes (língua falada e língua sinalizada) abrangendo não só a língua, mas a cultura.

Segundo Vasconcelos por muito tempo houve uma forte predominância dos conceitos onde os tradutores traduziam e os intérpretes interpretavam e que faltava um campo disciplinar específico para abordar o estudo da tradução de forma mais ampla. Somente na década de 70 é que Holmes, em um congresso de linguística em Estocolmo, apresenta um trabalho que passa a ser o marco fundacional dos Estudos da Tradução.

Friedrich Schleiermacher (1813/2001: 35) apresenta algumas conclusões essenciais para a distinção de tradução e tradução-interpretação que “*Por um lado, cada pessoa é dominada pela língua que fala, ela e todo seu pensamento são um produto dela*”. Ele continua: “*Mas, por outro lado, toda pessoa que pensa de uma maneira livre e intelectualmente independente também forma a língua à sua maneira.*” (1813/2001: 37).

Segundo Schleiermacher as palavras têm o seu significado que são peculiares aos usuários desta língua, contudo ao interpretá-la nenhuma palavra corresponde exatamente a outra. Isto envolve o domínio e a imersão na cultura das línguas envolvidas na tradução.

Portanto para entender todas as sutilezas que envolvem o ato da tradução tais como língua, cultura, referenciais, competências, fidelidade é necessário conceituar e apresentar os diferentes tipos de tradução para compreender como será apresentada a análise da tradução comentada que envolve o universo linguístico de surdos e ouvintes.

TIPOS DE TRADUÇÃO

É preciso compreender quais são os tipos de tradução e suas especificidades para uma boa atuação e êxito na mediação que envolve as línguas envolvidas no processo.

Segundo Roman Jakobson existe diferentes tipos de tradução que se denominam como *intra*lingual, *inter*lingual, *inter*semiótica.

A tradução intralingual é a tradução dentro da própria língua também chamada de paráfrase que emerge das diferentes culturas vivenciadas na sociedade. Nesta situação temos texto de partida, o leitor-textualizador e o texto de chegada. É possível apresentar como exemplo as variedades lexicais de uma região para outra. Na língua portuguesa um exemplo é o termo mandioca que em determinadas regiões a mesma raiz é denominada de aipim. Na língua de sinais as variedades de pai/mãe. Este processo também ocorre da linguagem infantil para linguagem adulta, por exemplo, *miaul*gato, *bibil*buzina.

A tradução interlingual para Jakobson, não há comumente equivalência, pois as mensagens podem servir como interpretações adequadas, ou seja, ao traduzir de uma língua para outra, a preocupação está em transmitir o conteúdo da mensagem de forma significativa com entendimento fazendo uso da equivalência de sentidos entre línguas diferentes. A tradução interlingual engloba texto de partida, tradutor e texto de chegada.

Também temos a tradução intersemiótica que representa “entre sistema de signos”, ou seja, parte de dois signos distintos. Por exemplo, olho uma figura e escrevo um poema a partir desta figura ou a partir de um poema surge uma música, da história em quadrinhos transforma-se em um filme ou desenho animado. Nesta situação há um texto de partida, o intérprete e o ícone de chegada.

O tradutor precisa ter competências e estratégias na sua atuação, pois dificilmente poderá traduzir tudo. Segundo Diniz (2008):

“toda tradução irá, portanto, oferecer sempre algo além ou aquém do chamado original, e o sucesso não dependerá apenas da criatividade nem da habilidade, mas das decisões tomadas pelo tradutor, seja sacrificando algo, ou encontrando a todo custo um equivalente”.

O ano de 1970 foi um marco nos estudos da tradução, pois alguns teóricos iniciam os estudos e pesquisas elaborando um mapeamento do campo disciplinar denominado Estudos da Tradução numa tentativa de mostrar uma visão panorâmica de como este campo se desdobrou.

James S. Holmes, um pesquisador apresentou um trabalho no ano de 1972 em um congresso de linguística que hoje é reconhecido como texto “fundacional” da área “Estudos da Tradução”. Holmes apresentou oralmente e só depois dezesseis anos seu trabalho foi publicado e reconhecido pela comunidade científica.

Destacam-se dois aspectos de muita importância deste mapeamento que foi a contribuição para a constituição de seu status de profissional, e a conscientização desse profissional no campo de atuação da qual está inserido.

Segundo Aubert (1994) a tradução envolve dois tipos de competência que são essenciais para o ato, que são competência linguística e competência referencial.

A competência linguística refere-se ao domínio linguístico que inclui o entendimento da estrutura semântica e gramatical para que se possam fazer as escolhas linguísticas que sejam significativas e precisas para o entendimento das línguas de contato, ou seja, língua fonte e língua alvo.

A competência referencial está relacionada a entender e conhecer os termos léxicos necessários ao ato da tradução com conhecimento sobre o significado dos termos envolvidos nesta tradução. Contudo é possível sintetizar que na competência linguística é necessário o domínio na sua língua nativa para desenvolver a habilidade da tradução na segunda língua conhecendo as terminologias envolvidas nas duas línguas conhecendo ambas as culturas.

As competências devem caminhar com equidade, ou seja, é preciso competência tradutória, linguística e referencial.

Neste sentido o papel do tradutor tem a marca da presença/invisibilidade onde o mesmo realiza o ato tradutório de forma singular respeitando o universo linguístico envolvido neste processo.

Para este ato todo um processo cognitivo é envolvido, pois a palavra não tem um sentido fixo e único e esta é a razão pela qual não se pode ser categórica com relação à totalidade do texto original porque a transferência do significado depende do contexto em que ocorre. A tradução envolve uma criação subjetiva de entendimento das línguas, culturas e referenciais.

FIDELIDADE

Tudo isto nos conduz a questão da fidelidade. A conclamada “fidelidade” das traduções não é um critério que leva à única tradução aceitável. Para ECO (2007: 426) a fidelidade é, antes, a tendência a creditar que a tradução é sempre possível se o texto fonte foi interpretado com apaixonada *cumplicidade*, é o empenho em identificar aquilo que, para nós, é o sentido profundo do texto e é a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais justa.

Arrojo (2002) propõe algumas reflexões sobre a questão da fidelidade, pois considera que as palavras não possuem um sentido único, pois existem ambivalências de sentidos constando que nenhuma tradução consegue recuperar o teor do texto original. Neste sentido o tradutor produz de acordo com a expectativa do público que irá atingir com o intuito de atender dentro do contexto.

Campos (1986, p. 13) corrobora com o mesmo pensamento de Arrojo ao escrever:

“De fato, se o leitor tiver a esperança de encontrar o texto original em qualquer tradução, por mais fiel que ela seja, verá frustrados os seus propósitos. Mesmo porque nenhuma tradução pode ter a pretensão de substituir o original: é apenas uma tentativa de recriação dele. E sempre cabem outras tentativas. Pode-se dizer que, de um mesmo texto, poderão existir tantas traduções aceitáveis quantos forem os objetivos a que ele puder servir”.

Na questão da fidelidade Aubert (1989) entende que o tradutor tem um compromisso de conseguir transmitir ao público alvo todo o contexto tornando-se invisível.

INVISIBILIDADE

Aubert (1989) assume que há um limite que dificulta perceber, compreender o apagamento, a invisibilidade, pois o tradutor também é um produtor do texto que exprime a ideia, a subjetividade presente na língua.

Neste sentido o tradutor busca atender as expectativas recriando de forma singular toda a singularidade na sua tradução procurando ser o menos visível para oportunizar a sensação da

originalidade. Portanto, o processo de tradução exige uma tomada de decisão, que exige as competências necessárias, para desenvolvê-la com responsabilidade pelas escolhas de suas decisões que representam uma intervenção consciente e para tal o tradutor precisa realizar sua autoanálise sendo crítico e assumindo as devidas responsabilidades por suas escolhas na resolução dos possíveis problemas da tradução.

O PAPEL DO TRADUTOR E A TRADUÇÃO

A tradução é um ato comunicativo que necessita do tradutor para mediação, porém a função não se restringe a mera mediação, mas a compreender e transmitir toda a essência desta comunicação.

O tradutor é na verdade um leitor de sua própria autoria que a partir de sua atuação reflete toda sua subjetividade na interrelação que estabelece constantemente com o outro com envolvimento de empatia, profissionalismo, competência, fluência, domínio e referenciais que são peculiares para o exercício da sua função como mediador de línguas, significados e sentidos.

Há também o tradutor intérprete que atua em línguas de modalidades distintas contemplado no “território da tradução” e que no Brasil passa a ter uma maior visibilidade a partir da década de 80.

TERRITÓRIO DA TRADUÇÃO

Uma nova proposta de mapeamento do pesquisador Williams & Chesterman surge em 2002, dividindo o 'território da tradução' em 12 (doze) áreas contemplando a área da Interpretação e os diferentes tipos de interpretação em tópicos sendo um deles – Tipos Especiais de Interpretação – que é interpretação de línguas de sinais e interpretação para surdos.

Então uma terceira tabela é apresentada por St Jerome Publishing com 27 áreas destacando sete para o ato da interpretação: (4) Interpretação para a Comunidade/ Interpretação de Diálogo/ Interpretação para Serviço Público; (5) Interpretação Simultânea e de Conferência; (8) Interpretação Legal e Jurídica; (10) História da Tradução e Interpretação; (12) Estudos de Interpretação; (18) Interpretação de Línguas Sinalizadas; e (27) Formação de Tradutor e Intérprete.

O Tradutor Intérprete de Língua de Sinais TILS extrapola a condição da tradução, pois em situações de interpretação de imagens acústicas para cenas das línguas de sinais há a necessidade de se colocar no lugar do outro na perspectiva de quem está envolvido na mensagem para garantir a fidedignidade da informação demonstrando o sentimento, o significado e o teor da mensagem.

É no momento da atuação que o TILS faz suas escolhas compreendendo as informações recebidas, contextualizando-as, para somente depois produzir a sua tradução. É possível que ocorra algumas perdas, contudo com o entendimento de toda estrutura da mensagem é necessário tomar decisões nas escolhas linguísticas a fim de viabilizar uma efetiva comunicação oportunizando saber a meta, tema e objetivo a que se destina para selecionar os detalhes que são essenciais para transmitir a comunicação de forma fidedigna sem prejudicar a equivalência de sentidos a que se propõe.

Portanto, o trabalho do intérprete envolve conhecimento dos mundos e cultura desenvolvendo a esfera cultural e social no qual o discurso está sendo enunciado. A construção dos sentidos fundamenta-se nas relações sociais entre ouvintes e surdos que estão neste limiar da comunicação.

METODOLOGIA APLICADA AO PROCESSO TRADUTÓRIO

A beleza e subjetividade da obra instigaram para um aprofundamento em identificar quem de fato são os autores da obra realizando uma pesquisa na plataforma César Lattes foi possível analisar o currículo da autora e dessa forma constatar todo o envolvimento na área da surdez com participações acadêmicas de formação, elaboração e atuação na política educacional dos surdos. Quanto ao autor suas referências não foram pela mesma plataforma, mas em outros sites.

Após a leitura do artigo, houve uma releitura com registro dos termos específicos para elaboração de um glossário em Língua Portuguesa com o intuito de facilitar o entendimento do artigo tão bem redigido e fundamentado por um casal de autores surdos que registram suas cumplicidades

por ambos serem surdos e terem vivenciado situações de conflitos, buscas, descobertas e, de apropriação da língua de sinais, da cultura, da identidade e, do jeito de *ser surdo*.

O título deste artigo justifica-se com o objetivo de narrar quem de fato são, pois vivenciaram situações de dominação e imposição de uma cultura ouvintista que possui uma visão clínica terapêutica da reabilitação da surdez onde até a idade adulta foram educados para o oralismo. Contudo ao atingirem a idade adulta vivenciam um novo modelo em contato com seus pares surdos e se apropriam de um novo jeito de ser que é o *ser surdo* que possui uma identidade própria, uma especificidade linguística e a peculiaridade de sua subjetividade.

Além do glossário da Língua Portuguesa um glossário da Língua de Sinais foi elaborado com o objetivo de explicitar os termos que fundamentaram o presente artigo. Para elaboração deste glossário Krieger e Finatto (2004, p. 136) definem que “A ficha terminológica é um elemento de grande importância na organização de repertórios de terminologias e um dos itens fundamentais para a geração de um dicionário” e propõe um exemplo de ficha para elaboração do mesmo.

Entretanto, uma adaptação com o objetivo de melhorar a visualização e criar o próprio glossário considerando também como um modelo o glossário do Curso de Letras Libras. Portanto, houve um acréscimo no glossário da escrita de sinais do referido termo.

Realizou-se uma pesquisa dos termos referentes a estes sinais em dicionários, sites e blogs que abordam essa terminologia da Língua de Sinais. Também foi possível contar com auxílio de professores surdos usuários da Libras para auxiliar quanto aos termos específicos.

Essas terminologias específicas são desafios para o ato da tradução que demandam as competências apontadas por Roberts (1992) apud Quadros (ano 2004, p.73) que são linguística, transferência, metodológica, área, bicultural e técnica.

A tradução é flexível, pois é preciso adequar o discurso à língua usada, observando o contexto de sentido pela exigência da subjetividade e especificidade tão peculiar ao jeito de narrar o presente artigo.

Os fatos não narrados apresentando a singularidade de ser surdo com conquistas e desafios vivenciados pelos autores surdos. Assim há uma maneira sutil de perceber e narrar os fatos tão bem fundamentados nos teóricos que embasaram o presente artigo, onde os autores Skliar e Foucault são referenciais de um jeito singular de perceber e compreender o *ser surdo* dentro de um paradigma de ser diferente e não deficiente.

Por esta razão a análise do discurso observou que o registro está intimamente ligado ao contexto da situação vivida pelos autores e que esse contexto se relaciona a cultura ouvintista que vivenciaram até atingir a idade adulta para depois imergirem na cultura surda. Dessa forma estratégias de tradução tais como síntese, acréscimos, omissões, uso do foco, tópico comentário, de busca, compreensão, monitoração, tomada de decisão e redução são necessárias para que facilitar o entendimento da tradução na língua de sinais. No texto não havia imagens e/ou gráficos, portanto não foi necessário tradução interpretação de imagens.

O modo de narrar interpretando a singularidade do jeito de *ser surdo* tão bem apresentado no presente artigo exige além das competências para o ato da tradução interpretação laços com a cultura surda para interpretar além das palavras, mas no sentido de explicar o modo de narrar o jeito de ser surdo para atingir o entendimento do público alvo a ser atingido na tradução.

Os aspectos linguísticos da língua de chegada e todas as singularidades, competências e habilidades que envolvem o ato da tradução tais como, localização de referentes no espaço, uso de expressões faciais e outros elementos gramaticais na língua de sinais são justificados pelas escolhas tradutórias realizadas a fim de obter sucesso.

Na análise da tradução comentada a metodologia fundamentou-se em Barbosa com seu estudo funcionalista considerando 13 elementos essenciais a serem observados para análise da tradução comentada que são: tradução palavra por palavra, tradução literal, transposição, modulação, equivalência, omissão versus explicação, compensação, reconstrução de períodos, melhorias, transferência (estrangeirismo, transliteração, aclimatação e transferência com explicação), explicação, decalque e adaptação.

Para facilitar a análise também serão utilizados os estudos de Nord (1981, p. 1) que contribuíram para análise da tradução, uma vez que aponta a existência de uma tríplice aliança que o TILS deve considerar e observar que é manter-se leal ao registro do autor do texto fonte, leal ao receptor e a todos envolvido na tradução interpretação. Dessa forma o ato da tradução de um texto

subjetivo que considera todas as particularidades das especificidades vividas pelos autores exige domínio, fluência, habilidade e perspicácia para interpretar fidedignamente.

Segundo Nord há fatores intratextuais que analisam o assunto e as pressuposições dos autores como também fatores extratextuais que consideram a intenção e o motivo desta comunicação sendo que ambos consideram a meta e objetivo subjetivo que há no artigo.

ANÁLISE TEXTUAL

Na singularidade do texto traduzido quem impera é o tradutor numa relação simbiótica entre tradutor texto. O texto é construído pelo autor depois passa pelo tradutor que o fará chegar à língua alvo numa difícil relação de perceber quem é o tradutor e o autor.

Neste sentido o tradutor é o local, o agente de atualização do produto final, ou seja, o produtor do produto. Então ninguém realiza a tradução como o outro por causa da singularidade e da subjetividade de cada um ser quem é. A subjetividade é inerente a cada um, a cada pessoa.

Nesta difícil relação simbiótica é que se desenvolve o glossário do artigo para que a unidade possa apresentar a intenção de comunicação dos autores.

O levantamento inicial foi de tradução intralingual onde relatei vinte e um vocabulários inicialmente e destes segue dezenove encontrados e relacionados com seus respectivos significados com o intuito de propiciar um melhor entendimento à subjetividade representada de uma maneira singular no jeito de narrar à história de um casal de surdos.

O segundo passo foi pesquisar os autores citados no texto e para tanto recorri ao banco de dados da plataforma César Lattes, depois por via do correio eletrônico enviei uma mensagem para a autora com o objetivo entender a sua narrativa para depois reler e entender a mensagem implícita e subjetiva do presente artigo.

O terceiro passo foi de elaborar um glossário terminológico em Libras onde realizei pesquisa com surdos graduados, surdos da comunidade, surdos do CAS onde os mesmos contribuíram para uma discussão crítica do artigo, pois alguns vivenciaram situações semelhantes.

A pesquisa foi realizada em dicionários da Língua Portuguesa, dicionário da Língua de Sinais de diferentes autores, dicionários eletrônicos, banco de dados terminológicos e uma busca em sites da internet para imagens a serem usadas na elaboração do glossário em Libras. Informações com usuários surdos, intérpretes e ouvintes que atuam na área da surdez também foram investigadas a fim de facilitar a pesquisa linguística destes vocabulários na língua de sinais com uma interpretação interlingual e para complementar há o registro da escrita de sinais sobre as terminologias do glossário.

O planejamento para elaboração dos glossários contribuiu para o ato da tradução uma vez que oportunizou discussão, reflexão e análise do artigo do jeito singular de ser e de narrar não somente os conhecimentos teóricos, mas a relação entre prática e teoria, entre pesquisa e vida. Enfim, o jeito de *ser surdo* numa sociedade que caminha para o processo de inclusão.

Para que de fato ocorresse uma tradução fidedigna aos anseios dos autores do texto científico o ato da tradução conta com o uso de neologismos, uso de empréstimos linguísticos, paráfrases, sinalário em uso no glossário do curso de Letras Libras e, os procedimentos técnicos de Barbosa.

O modelo de Christiane Nord corroborou para analisar os fatores externos e internos para garantir uma boa tradução oportunizando uma reflexão sobre as escolhas, desenvolvimento, atuação e interpretação.

Modelo de Christiane Nord			
Texto Fonte			
Texto Meta			
	Texto Fonte	Questões de Tradução	Texto-meta



Fatores Externos ao Texto			
Emissor	Casal de autores surdos Franklin Ferreira Rezende Júnior e Patrícia Luiza Ferreira Pinto	Intérprete Rosana de Fátima Janes Constâncio apresentar quem são os autores.	Atingir o público de surdos e ouvintes da área da surdez.
Intenção	Narrar às dificuldades impostas aos surdos.	Interpretar a subjetividade existente nas entre linhas do artigo.	Sensibilizar e narrar o jeito de ser surdo na sua especificidade
Receptor	Ler e compreender a singularidade de ser surdo.	Perceber as características peculiares e inerentes ao jeito de ser surdo.	Analisar e refletir sobre o significado de <i>ser surdo</i> .
Meio	Produção escrita por autores surdos em forma de artigo.	Interpretação em Língua de Sinais.	Tradução e Interpretação de sentidos e significados.
Lugar	Registro de um artigo representado autor sendo aluno do curso de Letras Libras e autora doutoranda em Educação pela UFSC.	UFSC Curso de Bacharelado em Letras Libras	Polo UFGD
Tempo	Relação com a trajetória de vida.	Entender a relação do ontem e do hoje na vida intelectual dos surdos intelectuais específicos.	Discussão temática atual frente à nova política educacional e do reconhecimento linguístico.
Propósito (motivo)	Narrar às dificuldades impostas por uma sociedade ouvinte para que os surdos atinjam o padrão da normalidade.	Interpretar toda história, singularidade e especificidade linguística dos surdos.	Entender quem de fato são os surdos e aceitar a sua especificidade linguística, cultural e social.
Função Textual	Refletir a trajetória intelectual dos surdos.	Despertar embelezamento e prazer para entender todo o vídeo na sua subjetividade.	Entender quem de fato são os surdos intelectuais específicos.
Fatores Internos ao Texto			
Tema	Os surdos nos rastros de sua intelectualidade específica.	Os surdos no caminho da intelectualidade de <i>ser surdo</i>.	Surdo caminho intelectual ser surdo.
Conteúdo	A narrativa de quem de fato são os surdos intelectuais específicos.	Interpretação da trajetória de vida dos autores surdos.	Entender toda trajetória vivida pelos autores surdos.
Pressuposições	Propiciar o acesso à cultura, especificidade e	Que o leitor sabe sobre a pressão e	O bom entendimento do ato da tradução interpretação.

	subjetividade do jeito de ser surdo.	dominação da cultura oralista.	
Estruturação	De acordo com as normas vigentes da L.P.	Entender e assimilar novos vocabulários da língua fonte para língua alvo.	Demonstrar toda especificidade das dificuldades vivenciadas pelos autores surdos.
Elementos não verbais			
Léxico	Apresentados no Glossário de L. P com vocabulários específicos e muito bem elaborados.	Identificar, criar e apresentar os sinais correspondentes na LS.	Interpretação
Sintaxe	Elaborada com necessidade de estudos e uso de dicionário.	Pesquisada com apoio de surdos e intérpretes para desenvolvimento coeso.	Interpretação de sentidos apresentando as peculiaridades de <i>ser surdo</i> .
Elementos suprasegmentais			
Efeitos do texto	Sensibilizar o leitor para o mundo surdo.		

Esta tabela foi elaborada contando com a participação do entendimento de surdos intelectuais específicos e intérpretes de Libras que leram o presente artigo para discussão de entendimento, análise textual e do próprio objetivo da tradução comentada com o intuito de garantir fidedignidade à análise textual do mesmo.

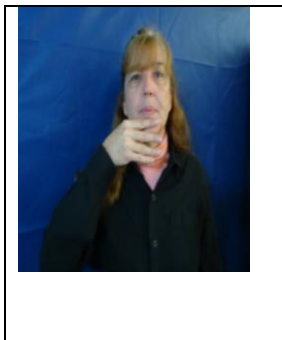


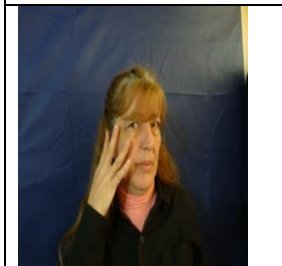
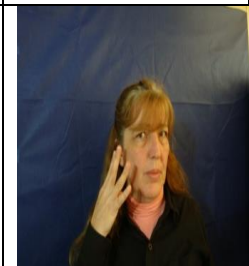

“OS SURDOS NOS RASTROS DE SUA INTELLECTUALIDADE ESPECÍFICA”.

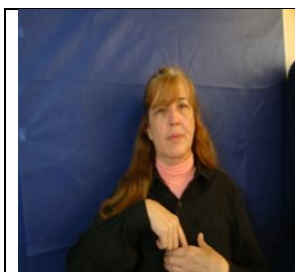

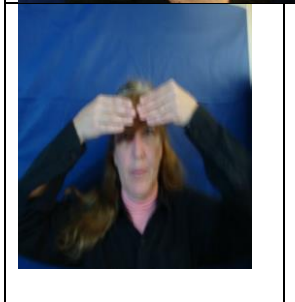
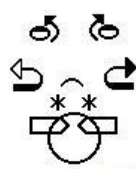
Para interpretação do tema, o termo *rastro* corresponde ao sinal de caminho, pois há na introdução uma justificativa para tal escolha uma vez que a autora apresenta os surdos na sua singularidade e peculiaridades que se encontram nos diferentes caminhos com pessoas nos territórios e ambientes específicos que os conduzem as descobertas de quem são enquanto indivíduos surdos.

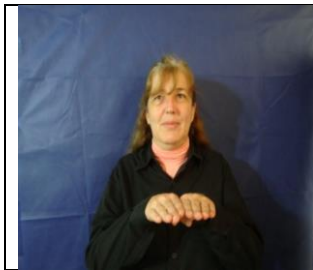

	<p><u>Rastros</u>: arrastando pelo chão; rastrear; O sinal correspondente na interpretação será de <i>caminho</i>, pois o artigo narra à busca e o caminho que trilharam para conseguir imergir e vivenciar o jeito de ser surdo na sua singularidade. Fonte: (Capovilla, 2009, p. 487).</p>	
---	--	---

		<p><u>Intelectualidade:</u> qualidade de intelectual; que tem grande cultura. O sinal em Libras é o <i>intelectual</i> Fonte: (Capovilla, 2009, p. 1286).</p>	 intelectual
---	---	---	--

O próximo passo foi à introdução onde os autores justificam as peculiaridades do surdo considerando as pesquisas e apontamentos dos autores como Skliar e Perlin (2003).


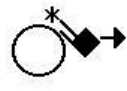
		<p>SKLIAR: é Doutor em Fonoaudiologia e em Educação Especial que descreve que por muitos anos a surdez teve enfoque de reabilitação clínica patológica. Compreende o surdo na sua especificidade linguística. Ele já possui um sinal criado pela comunidade acadêmica e usado no curso de Letras Libras, porém não está disponível do glossário do LL. Fonte de referência: surdos acadêmicos polo UFSCAR.</p>	 SKLIAR
		<p>PERLIN: Gladis Perlin é a primeira doutora surda que apresenta o jeito singular de ser surdo que deve ser respeito na sua cultura, identidade e jeito de <i>ser surdo</i>. O sinal foi consultado e apresentado via meio eletrônico em entrevista com a autora.</p>	 PERLIN



	<p>SUBJETIVAÇÃO: o mesmo que subjetividade: que está somente no sujeito, no eu; exprime as ideias ou preferências próprias. Este sinal encontra-se disponível no glossário do curso de L. L.</p>	 subjetividade
	<p>PASSAPORTE: fiz o sinal correspondente à “mente aberta”, pois os autores justificam as mudanças atitudinais ao encontrar seus pares e o jeito de ser surdo. Fonte (Capovilla, 2009, p. 1490, vol. 2).</p>	 passaporte (mente aberta)


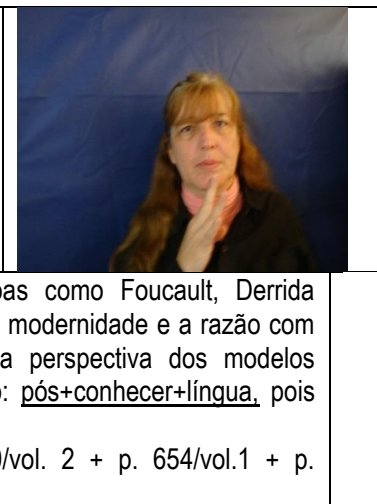
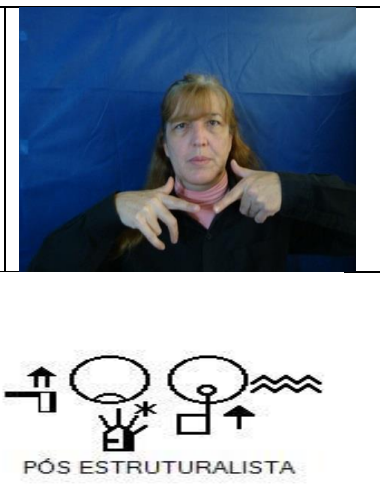

	<p>NORMALIDADE: o sinal correspondente à “padronização”, pois os autores justificam como um jeito de trazer para o normal que é ser ouvinte. Fonte: (Capovilla, 2009, p. 1653, vol. 2).</p>	 <p>padronização</p>
---	---	---

A explicação do modo de *ser surdo* apresenta a definição que diferencia o surdo de *ser surdo*. Neste momento há uma apresentação de autores que discutem o jeito peculiar de ser surdo com a tematização do desenvolvimento dos intelectuais específicos sob a perspectiva dos autores, de Perlin e Foucault.


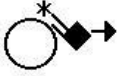
		<p>SER SURDO: tem a presença viva e participativa; que pertence à Comunidade Surda e à Cultura do Sinal. Fonte: (Capovilla, 2009, p. 2251 + p. 2070 vol. 2).</p>	 <p>Ser Surdo</p>
---	---	--	--

	<p>LÍDERES: pessoas que alcançaram liderança em determinada área; Fonte: (Capovilla, 2009, p. 1381, vol. 2).</p>	 <p>líder</p>
--	--	--


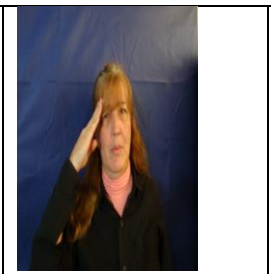
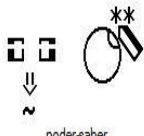
	<p>FOUCAULT: foi um importante filósofo, psicólogo e professor. Fonte do sinal no Glossário do curso de L. L.</p>	 <p>FOUCAULT</p>
---	---	---



			
<p>PÓS-ESTRUTURALISTA: pessoas como Foucault, Derrida preocupados em problematizar a modernidade e a razão com uma crítica cultural e social na perspectiva dos modelos vigentes. Criei o sinal composto: <u>pós+conhecer+língua</u>, pois não havia sinal correspondente. Fonte: (Capovilla, 2009, p.1790/vol. 2 + p. 654/vol.1 + p. 1388/vol.2).</p>			 <p>PÓS ESTRUTURALISTA</p>

O terceiro passo compreende *intelectuais específicos*. Há uma explicação de quem são os intelectuais específicos como pessoas que tiveram a coragem de desafiar os paradigmas existentes para um novo jeito de compreender quem de fato são os surdos intelectuais como seres pensantes, que indagam e contestam a partir do momento em que rompem e desconstruem paradigmas sobre os surdos que eram vistos como pessoas que precisavam da medicalização da surdez. É nesse momento que o surdo encontra seus pares e compreendem a sua singularidade que passam a ser surdos intelectuais específicos que vivenciam o jeito próprio de pensar, comunicar e entender a sua cultura surda.

	<p>LÍDERES: chefe; guia; pessoas que alcançaram liderança em determinada área. Fonte: (Capovilla, 2009, p. 1381, vol. 2).</p>	 <p>líder</p>
---	---	--

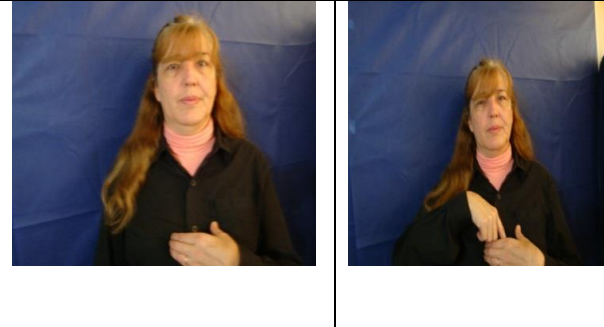

		<p>PASSAPORTE: o sinal correspondente à “mente aberta”, pois os autores justificam as mudanças atitudinais ao encontrar seus pares e o jeito de ser surdo. Fonte: (Capovilla, 2009, p. 1490, vol. 2).</p>	
--	--	---	--

		<p>PODER-SABER: é a questão do empoderamento que representa que através do conhecimento e do desenvolvimento intelectual o surdo passa a ter poder. Utilizei o sinal de poder mais o sinal de saber. Fonte: (Capovilla, 2009, p. 1766 e 1964, vol. 2).</p>	 <p>poder-saber</p>
---	---	--	--

	<p>PARRESIASTA: é o discurso próprio. Para representar o sinal utilizei o sinal já existente de discurso. Fonte: (Capovilla, 2009, p. 839, vol. 1).</p>	 <p>parresiasta (discurso)</p>
---	---	---




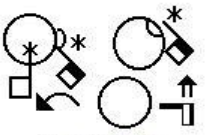
O quarto passo corresponde aos *surdos pesquisadores* apresentando-os como sendo os surdos que vivenciaram as dificuldades de experiências vividas que foram impostas por uma sociedade majoritariamente de ouvintes e por esta razão impondo ao surdo à visão clínica da reabilitação da surdez. Entretanto, nos espaços das escolas, bares, associações, universidades e outros os surdos vivenciam a subjetividade de *ser surdo*. Apresentam-se como pesquisadores que são sujeito-objeto da pesquisa, ou seja, é a própria pesquisa vivenciando conflitos, pois passam a compreender que a maneira como viveram foram impostas tão sutilmente que somente quando se deparam com o universo surdo é que compreende quem de fato são.

Há uma narrativa que apresenta as trajetórias vivenciadas pelos mesmos sendo vivenciadas sem questionamento, pois havia uma dominação de uma cultura majoritária que só foi percebida quando os autores se deparam com os seus pares e passam a vivenciar novas experiências.


	<p>SUBJETIVIDADE: que está somente no sujeito, no eu; exprime as ideias ou preferências próprias. Fonte do sinal: glossário do curso de Letras Libras.</p>	 <p>subjetividade</p>
---	---	--

O quinto passo *surdos intelectuais específicos* define quem de fato são os “específicos”, pois intelectuais são apresentados como aqueles que possuem instrução e formação educacional. Há uma forte narrativa no modo de se compreender os desafios impostos pela sociedade majoritária na submissão de uma cultura oralista para somente no encontro com seus pares vislumbrar um novo jeito de narrar as suas peculiaridades de *ser surdo*.

Nesse momento afirmam que não é todo surdo que poderá ser um surdo intelectual específico, sendo que se preocupam provar a existência do mesmo. Portanto, há surdos não estão engajados na militância e lutas e é apenas surdos, esta é a diferença. Há uma distinção entre surdo intelectual específico que é o que luta e acredita na sua singularidade de ser surdo, mas há o intelectual universal que detém o saber, mas não está inserido no contexto de *ser surdo* porque por muitas vezes não compartilham do jeito de ser e de viver a sua primeira língua, a singularidade da sua cultura e o seu jeito peculiar de ser na sua especificidade linguística.


		
<p>SURDOS INTELLECTUAIS ESPECÍFICOS: surdos com grande cultura que lhe são próprias; relativo à inteligência. Fiz uso do sinal surdos + inteligente + próprio. Fonte: (Capovilla, 2009, p. 2070 + p. 1286/vol. 2).</p>		
 <p>surdo intelectual</p>		

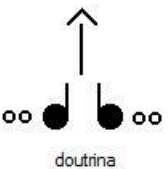
		<p>RELAÇÃO SIMBIÓTICA: vida em comum; intimidade entre duas pessoas. Usei o sinal relação + união. Fonte: (Capovilla, 2009, p. 1909 + p. 2177/vol. 2).</p>	 <p>relação simbiótica</p>
---	---	---	---

		<p>ESPECIFICIDADES: qualidade característica de uma espécie; condição de ser peculiar a um indivíduo ou grupo de organismos particulares. Particularidade. Usei o sinal de detalhe que corresponde à particularidade. Fonte: (Capovilla, 2009, p.809/vol. 1).</p>	
--	--	--	---

No sexto passo apresenta quem são os *deficientes auditivos* e, as polêmicas vivenciadas na luta de interesses que segundo as considerações de Skliar (1998) há uma maneira peculiar de viver e narrar seus próprios anseios, desafios e conquistas. Para os autores os deficientes auditivos e os “outros” que são médicos, fonoaudiólogos, pessoas da área que visam à saúde clínica não compactuando com o discurso da diferença e especificidade linguística. Dessa forma há também os deficientes auditivos que, engajados nos interesses da doutrina vigente da reabilitação por uma forte pressão social, familiar e da comunidade onde estão inseridos desconhecem o jeito singular de ser surdo na sua plenitude e totalidade como pessoa com uma identidade, cultura e língua própria.



Então, a trajetória vivenciada foi da “deficiência auditiva” para “surdez” e desta para o “ser surdo” que foi vivenciado com conflitos, obstáculos, dificuldades até atingir o que de fato acreditam ser que é o “ser surdo” com seu jeito peculiar de ser, estar e viver no mundo.

		<p>DEFICIENTES AUDITIVOS: são pessoas com perda total ou parcial da audição. Já possui um sinal correspondente de uso e domínio comum a todos. Fonte: (Capovilla, 2009, p. 751/vol.1).</p>	
--	--	---	---

	<p>DOCTRINA: Princípios fundamentais de uma crença, sistema ou ciência; norma. Fonte: (Capovilla, 2009, p. 862/vol.1).</p>	
--	---	---

O sétimo e último passo é a *conclusão* com as considerações que desafiam os leitores sejam eles surdos ou ouvintes a refletir sobre os apontamentos de Foucault e de quem são os surdos intelectuais com suas narrativas do jeito próprio de *ser surdo*. Não há uma exigência, mas um convite a refletir e entender as diferenças existentes.

Portanto, o desafio é o de despertar inquietações que oportunizem a busca de novos conhecimentos sobre o modo de ser e de viver do surdo na sua singularidade respeitando suas escolhas, atitudes, língua e cultura narradas e vivenciadas na sua especificidade linguística no contato com seus pares surdos.

	<p>CIÊNCIAS: Conjunto de conhecimentos fundados sobre princípios certos. Saber. Usei o sinal já específico do termo.</p> <p>Fonte: (Capovilla, 2009, p. 589/vol.1).</p>	
---	--	---

	<p>TRAJETÓRIA: caminho, estrada, meio, trajeto.</p> <p>Fonte: (Capovilla, 2009, p. 487/vol. 2).</p>	
---	--	---

A análise dos léxicos e sinalários correspondentes foram de suma importância, pois corroborou para refletir no ato da tradução uma vez que garantiu o entendimento dos termos dando fluência e maior competência para realização de uma interpretação significativa e esclarecedora.

Sem o estudo, a pesquisa terminológica das palavras deste artigo não seria possível fazer uma tradução fidedigna respeitando o objetivo do presente artigo, uma vez que os autores apresentam uma narrativa de suas vidas com seus anseios, dúvidas, encontros e desencontros para somente depois entenderem quem de fato os surdos intelectuais específicos. E é neste momento que descobrem quem de fato são como “ser surdo”.

Quando entendemos a subjetividade das palavras é possível pensar a prática da tradução. A justificativa apresentada nas escolhas de sinais possibilita perceber a peculiaridade e a maneira de como transmitir a mensagem através de uma tradução que envolva o significado, a singularidade, a objetividade e o real sentido do mesmo para depois fazer a análise de uma tradução comentada.

TRADUÇÃO COMENTADA

O foco principal é fazer as considerações de todo ato da tradução observando e justificando as escolhas considerando os aspectos da análise da tradução comentada.

Segundo Robinson (2002, p. 158)

“O bom tradutor é aquele que nunca tem experiência suficiente para fazer um bom serviço... As expectativas estão sempre um ou três passos adiante da realidade, o mantém o tradutor eternamente incansável à procura de mais experiências”.

Para Fairclough (2008, p.283) “a principal forma de justificar uma interpretação é por meio de análise do texto mostrando que a nossa interpretação é compatível com as características do texto”.

Partindo desta premissa é possível definir a tradução comentada considerando o que Williams & Chesterman (2002, p. 7):

“Uma tradução com comentários (ou traduções anotadas) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o tradutor traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu processo de tradução”.

Dessa forma a tradução comentada possibilita entender todas as nuances desenvolvidas no momento da interpretação considerando e analisando a subjetividade presente no artigo tão bem narrado

pelos autores surdos que apresentam a importância da mudança atitudinal em suas vidas ao descobrirem o modo de *ser surdo*.

Destarte não é possível fazer uma interpretação literal, pois há uma subjetividade que está implícita no mesmo. A primeira escolha foi do termo “rastros” sinalizado com “caminho” em decorrência do seu significado que, segundo os autores os caminhos trilhados pelos surdos e o encontro com seus pares podem fazê-lo compreender o jeito surdo de ser.

“OS SURDOS NOS RASTROS DA SUA INTELLECTUALIDADE ESPECÍFICA”.

O termo intitular é apresentado como “escolher o tema”, pois não há o sinal correspondente; ocorre uma omissão do termo tematizar, pois o mesmo se repete como tematização e tema. Então na frase considerou-se apresentar o sentido que os autores se propunham.

No que se refere à frase “nos seus espaços, nos seus territórios, nos seus locais, na imensidão destes ambientes, na contestação, nos debates”... Os sinais correspondentes foram áreas, grupos, lugar, sociedade, pois as palavras sinônimas tem o intuito de mostrar a participação dos surdos em todos os segmentos da sociedade.

No momento da tradução, segundo Skliar (1998) há um acréscimo para explicar que somente quando refletimos sobre nossos atos e pensamentos é que podemos mudar nossas atitudes e a forma de agir, pois a mente se abre para novos conceitos. A preocupação não é somente com o sinal específico, mas apresentar o sentido que o termo “passaporte dos nossos pensamentos” demanda. Neste sentido ocorre a justificativa da maneira pela qual foram educados até a idade adulta para atingir o padrão da normalidade que é a de ser ouvinte.

Segundo Vinay e Darbelnet (1977: 46-55) apud Barbosa (PÁG. 15) há duas formas de tradução que podem ser direta compreendendo os empréstimos, decalque, tradução literal e de forma indireta compreendendo a transposição, modulação, equivalência e adaptação.

A tradução direta dificilmente ocorre em todo o texto, pois envolve uma tradução literal exatamente igual de uma língua para outra. Entretanto, as palavras apresentam significados distintos dependendo da cultura, do meio e, do significado implícito no contexto discursivo. Isto foi possível constatar na tradução do título deste artigo.

SER SURDO

Ao apresentar o ser surdo o sinal apresentado na tradução corresponde ao sinal de VIVER e SURDO porque os autores querem transmitir a mensagem de apresentar o modo de viver, ser e entender-se como surdo na sua singularidade.



Perlin e Foucault justificam e explicam o que são as especificidades do ser surdo e as peculiaridades dos mesmos para refletir sobre quem são os intelectuais específicos. Perlin é doutora surda que compreende o modo singular de *ser surdo*, e conceitua os lugares onde se encontram os surdos no seu *ser surdo*. Para o entendimento desta narrativa a troca de embasamento teórico com surdos que compartilham deste jeito singular de ser surdo foi fundamental para o ato da tradução.

Segundo Perlin (2003):

“O surdo na experiência do ser surdo se sente o outro e as resistências, devido à imposição da experiência do ouvinte quando não são acompanhadas de silêncio, são resistências povoadas de significados”.

Entender a singularidade da mensagem permite uma tradução de sentidos, pois não há como ser de forma literal, mas na abrangência do significado imposto pela mesma.

Na tradução o entendimento de “pós-estruturalista, em consonância com os pensamentos de Foucault” ocorre uma modulação conforme os estudos de Barbosa, pois há uma mudança no ponto de vista sobre a mesma temática com focos distintos, ou seja, “cada língua privilegia um aspecto diferente da mesma realidade” (2004, p.29).

Foucault encontra-se em consonância com o modo de pensar e de *ser surdo*, pois nas paragens pós-estruturalista somente quando há o conhecimento e entendimento é que é possível mudar o pensamento. Neste caso uma mudança do conhecimento da especificidade da língua.

Michel Foucault apresenta-se como um escritor que problematiza a modernidade e a razão com uma crítica cultural e social na perspectiva dos modelos vigentes. Seu sinal é realizado com a CM em F, mão deslizando na cabeça para nuca. Representa-se como pensante questionador e reflexivo aos paradigmas socialmente impostos.



Segundo Barbosa (2004), tanto a equivalência formal como dinâmica são necessárias, pois a formal corresponde em manter o significado em ambas as línguas e, a equivalência dinâmica em entender a naturalidade da informação de um jeito que o outro compreenda a cultura e o comportamento que neste caso são peculiares ao modo de *ser surdo*.

INTELECTUAIS ESPECÍFICOS

Barbosa (2004) considera que há uma expansão no ato da tradução quando existe há necessidade de entender com fidedignidade a interpretação para atender as necessidades escritas no texto de origem, uma vez que apresenta e conceitua objetivamente quem são os intelectuais apresentando-os como indivíduos que questionam o que lhes é imposto, ou seja, querem entender o porquê dos paradigmas existentes.

Em alguns momentos é possível ocorrer “omissões” de algumas palavras e o uso de paráfrase para dar condições de uma tradução livre que não fique presa à terminologia, mas que possa dar significado. Há então “melhorias”, pois há uma liberdade de interpretar para atender o significado.



Dessa forma segundo Berman (2007, p.32) “Toda teoria da tradução é a teorização da destruição da letra em favor do sentido” implica que na atividade da tradução tive essa liberdade para que de fato o sentido fosse expresso com fluência, habilidade e desenvoltura.

SURDOS PESQUISADORES

Neste período o uso das expressões não manuais, do embelezamento foi fundamental para que a tradução pudesse transmitir totalmente a compreensão do sofrimento e de toda trajetória imposta pela sociedade a fim de reabilitar o surdo para o desenvolvimento da oralidade.

Segundo Venuti (2008) a tradução domesticadora busca ser invisível para mediar sem demonstrar que é outra língua e cultura, mas requer ser invisível a ponto de tornar comum a todos com naturalidade esta tradução e este foi o meu trabalho neste período, ou seja, interpretar com “embelezamento” a fim de atingir toda subjetividade das vivências dos autores.

Há então a necessidade de buscar estratégias de tradução para atender de forma fidedigna o que propõe a narrativa dos autores surdos. Segundo Alves, Magalhães e Pagano (2011, p.118), um dos recursos pode ser o apoio externo como, por exemplo, o uso de pesquisas em dicionários, glossários, sites da internet, livros aos quais recorri na tentativa de buscar uma solução para que o TF seja interpretado com coerência.

Para Bakhtin (2011, p. 24) a visão do outro e sua percepção é diferente daquilo que somos:

“Quando me compenetro dos sofrimentos do outro, eu os vivencio precisamente como sofrimentos *dele*, na categoria do *outro*. Relacionar-se ao outro o vivenciado é condição obrigatória de uma compenetração eficaz e do conhecimento tanto ético como estético”.

Ainda conforme Alves, Magalhães e Pagano (2011, p.118) considera também a necessidade do apoio interno para o exercício desta função.

SURDOS INTELECTUAIS ESPECÍFICOS

Os *surdos intelectuais específicos* são apresentados como aqueles que possuem instrução e formação educacional. Ao realizar a tradução havia uma nota de rodapé com toda singularidade para entender o quanto a sociedade não reconhece o surdo como intelectual específico e foi necessário trazer para o ato da tradução como exemplo para que pudesse dar sentido e ênfase ao entendimento de quem de fato são os *surdos intelectuais específicos*.

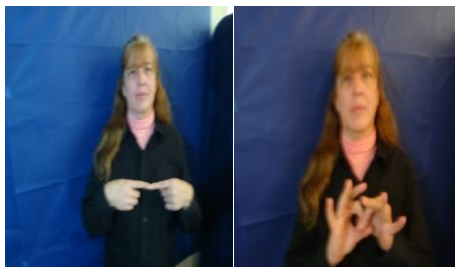
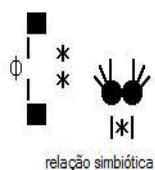
Segundo Barbosa (2004, p: 63-77) para efeito e entendimento é preciso que ocorra uma transferência introduzindo o teor do texto fonte em nota de rodapé para explicar e propiciar entendimento ao ato da tradução.

Neste sentido conforme Bakhtin (2011, p. 29):

“Trata-se precisamente de me traduzir da linguagem interna para a linguagem da expressividade externa e entrelaça-me inteiramente, sem reservas, com o tecido plástico-pictural único da vida enquanto homem entre outros homens, enquanto personagem entre outras personagens”.

Há uma combinação para apresentar toda relação simbiótica de viver entre ouvintes, deficientes auditivos, surdos, surdos intelectuais e, surdos intelectuais específicos. Ocorre uma compensação na tradução no momento em que a nota de rodapé é incorporada para dar entendimento à tradução, pois é um exemplo de uma situação vivenciada e que corresponde ao teor do texto justificando uma situação vivenciada na sua trajetória de ser surdo.

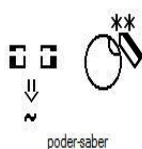
Para apresentar RELAÇÃO SIMBIÓTICA que é a vida em comum; intimidade entre duas pessoas, o sinal relação + união de acordo com Capovilla (p. 1909 + p. 2177) é realizado como contato, pois segundo Barbosa às vezes se faz necessário explicar o sentido que se quer traduzir para dar entendimento.



DEFICIENTES AUDITIVOS

Ao realizar a tradução sobre a polêmica de quem são os *deficientes auditivos* e os outros foi preciso enfatizar as considerações de Skliar sobre a maneira peculiar de viver e narrar dos surdos entre seus pares na difícil relação de ser ou não ser.

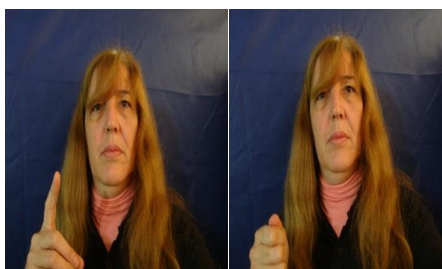
Conforme as considerações de Pagano, Magalhães e Alves (2007) uma das sete etapas compreende a priorização e omissão de informações, que neste caso houve uma priorização para apresentar as informações mais relevantes do texto fonte que é de explicar as diferenças não somente nas nomenclaturas, mas no sentido vivido pelos autores surdos que compreende o jeito de narrar e viver como surdos intelectuais específicos que lutam para o empoderamento do jeito de *ser surdo*.



Fonte de Capovilla (p. 1766 e 1964, vol. 2).

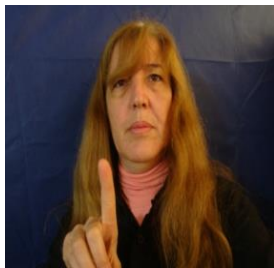
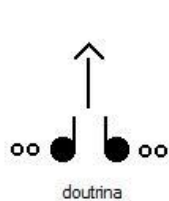
Neste caso o sinal de PODER-SABER corresponde a empoderamento: é a questão do empoderamento que representa que através do conhecimento e do desenvolvimento intelectual o surdo passa a ter poder.

O termo DEFICIENTE AUDITIVO com a definição de que são pessoas com perda total ou parcial da audição. Já possui um sinal correspondente de uso e domínio comum a todos. Neste momento ocorre uma reconstrução do período, diminuindo a sentença, a fim de garantir o entendimento sem que ocorra uma repetição de sentidos.



Fonte de referência de Capovilla (p. 751)

O termo de DOUTRINA com o seu sinal correspondente. DOUTRINA: Princípios fundamentais de uma crença, sistema ou ciência; norma, com a

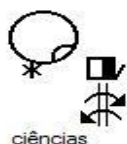


Fonte de referência de Capovilla (p. 862).

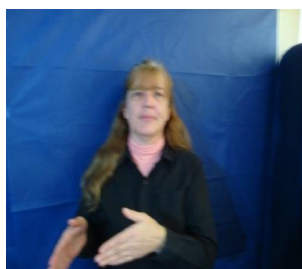
CONCLUSÃO

O maior desafio é despertar o interesse para que ocorra uma reflexão e até mesmo a busca de outras fontes para entender quem de fato são os surdos, suas singularidades e o jeito de *ser surdo*.

Os sinais de INTELLECTUALIDADE ESPECÍFICA e de TRAJETÓRIA são fundamentais para o entendimento de toda subjetividade narrada, pois a partir da Ciência e toda doutrina imposta de maneira sutil é que a Trajetória apresenta os caminhos para se descobrir como um *ser surdo*.



Fonte de referência de Capovilla (p. 589).



Fonte de referência em Capovilla (p. 487).

A essência é a arte da tradução interpretação de línguas de modalidades diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É na singularidade do artigo traduzido e interpretado que aparece as nuances especificidades e subjetividades próprias do jeito de ser e narrar quem é o *ser surdo*. A simbiose entre tradução interpretação tem um significado singular porque a partir do momento em que acontece a interpretação é difícil saber quem é o tradutor intérprete e quem é o autor. Há algo em mim que só o outro pode dizer e é nesta perspectiva que o ato da tradução interpretação é um ato dialógico, ou seja, é preciso entender, assimilar e compartilhar da cultura, identidade e do jeito de ser surdo para ter êxito na interpretação.

O artigo *Os Surdos Nos Rastros De Sua Intelectualidade Específica* é escrito e narrado pela maneira de se descobrir a sua identidade no encontro com seus pares e, é nessa narrativa que a interpretação experimentada e vivenciada apresenta às dificuldades, os anseios, as dúvidas e incertezas para de fato apresentar o ato da tradução interpretação.

Há na interpretação um limite, pois não é possível que ela aconteça de forma literal em toda a sua extensão, mas há os acréscimos, e uma interpretação de sentidos que coadunam com a narrativa peculiar de cada um.

O excedente da atuação da interpretação é porque quando nos olhamos na mesma perspectiva, mas em mundo diferentes, eu interpreto da linguagem interna para a linguagem da expressividade externa enquanto ouvinte em interação com surdos e ouvintes, enquanto personagem ator narrador de outros personagens.

Quando eu interpreto eu sou o local, o agente de atualização deste produto, ou seja, eu sou o produtor deste produto. É nesta assertiva que coadunam o escopo de uma interpretação que respeita o teor de todo artigo com a singularidade, as dificuldades e descobertas vivenciadas pelos autores para narrar o jeito de *ser surdo*.

Ninguém interpreta como o outro por causa da singularidade de cada um. A subjetividade do ser é inerente a cada um, a cada pessoa. Só eu posso responder sobre minhas escolhas, minha interpretação e a construção dos sentidos reivindicados pela obra.

Sabe-se que não há o ato da tradução definido como certo ou errado, mas a experiência vivência e imersão na cultura faz com que a tradução interpretação atinja a fluência e competência linguística necessária para desenvolver um bom profissional tradutor intérprete.

Na verdade o tradutor intérprete é movido pelo jogo de projeções de sua atuação, de análise e autoanálise. O que eu sou e como interpreto, as minhas escolhas, acontecem em função do que esperam de mim.

A relação que envolve o ato da tradução interpretação constrói o profissional intérprete de língua de sinais e nesse sentido a questão da alteridade é inescapável. Tudo é marcado pelas relações e pelo contexto envolvido no ato da interpretação numa empatia de sentidos e subjetividades.

Então, os desafios estão presentes em todo ato abrangendo também a produção de um texto em libras a partir de um original em português, pois não se restringe apenas a área linguística, mas compreende a cultura e a comunidade social. Neste caso é preciso ter vasto conhecimento linguístico, referencial e tradutória. Portanto, o domínio nas línguas envolvidas é fundamental, observando que cada língua tem suas regras e estruturas próprias e por esta razão não deve ser realizada de forma literal, mas observando os sentidos, a subjetividade, interpretando a equivalência do significado.

É muito importante que o tradutor intérprete tenha estratégias e saiba fazer uso da sua intuição e percepção para transpor da sua língua para outra língua e cultura, ou seja, é preciso desenvolver habilidade, fluência para atender ao seu público alvo com destreza e domínio com todas as competências que o ato exige.

A tradução pode acontecer do sentido pelo sentido, da mensagem pela mensagem para que de fato se conserve e preserve a qualidade da atuação nesta mediação do ato da tradução.

O intérprete não é somente e simplesmente o indivíduo que sabe e domina as duas línguas envolvidas no processo da tradução interpretação, mas é aquele que compreende as sutilezas, especificidades, subjetividades das línguas envolvidas no processo. Precisa ser ator e saber representar para expressar com embelezamento as nuances de todo contexto.

Portanto, o intérprete é o evento, o local, o espaço e o "outro de mim" na relação da comunicação que se dá no ato da tradução interpretação de língua portuguesa e língua de sinais ou versa vice.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com Autonomia**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução. A teoria na prática**. São Paulo: Editora Ática. 2002

AUBERT, Francis Henrik. **As (in)fidelidades da tradução Servidões e autonomia do tradutor**. 2. ed. -- Campinas, SP : Editora da UNICAMP. 1994.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução. Uma nova proposta**. 2ª ed. Campinas, SP. Editora Pontes, 2004

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL, **Lei Nº. 10.436 de 24 de abril de 2002**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 2002.

CAMPOS, Geir. **O que é Tradução**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo. Editora Brasiliense, 1986.

COSTA, M.V.G. Tradução comentada do conto Lizards in Jamsyd's Courtyard, de William Faulkner. Dissertação: Mestrado em Estudos da Tradução. Florianópolis, SC: UFSC.

DINIZ, Thais Nogueira. **Cadernos de Tradução VII**. 2008. Disponível em: < <http://www.cadernos.ufsc.br>. >. Data de Acesso: 15/03/2012.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008 (reimpressão).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 3. ed. rev. Atual. Curitiba: Positivo, 2004.

JAKOBSON, Ronan. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975.

KRIEGER, Maria da Graça. FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução a Terminologia: teoria e prática**. São Paulo. Editora Contexto, 2004.

MANGUEL, A. **Uma História da Leitura**. São Paulo. Companhia das Letras, 1997. p.405.

NORD, Christiane. **Text Analysis in Translation**. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam: Atlanta: GA. Rodopi.

NOVO DEIT-LIBRAS: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas. Volume I: Sinais de A a H e Volume II: Sinais de I a Z / Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Maurício. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo: Inep: CNPq: CAPES 2009

PAGANO, A., VASCONCELLOS, M. L. “**Estudos da Tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990**”. In: *Revista Delta*, São Paulo, v.19, p.1-26, 2003.

PERLIN, Gládis T.T. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003

QUADROS Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004.

ROBINSON, Douglas. **Construindo o Tradutor**. Tradução de Jussara Simões. Bauru, SP. EDUSC, 2002.

RONAI, Paulo. **A tradução vivida**. 2ª edição. Editora Fronteira, 1981. 210 p.

SCHLEIERMACHER, Friedrich (1813/2001). Sobre os diferentes métodos de tradução. Traduzido por Margarete von Mühlen Poll. In: Werner Heidemann (org.): **Clássicos da teoria da tradução**. Volume 1: alemão-português. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Núcleo de Tradução, 2001, pp. 25-87.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

STROBEL, Karen. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **The Map. A Begginer's Guide to Doing Research in Translation Studies**. Manchester, UK: St. Jerome, 2002.

REFERÊNCIAS

Informação obtida por meio e-mail.

PERLIN, Gladis. *Sinal do seu nome* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <rojanes68@hotmail.com> em 01 jun. 2012.

Site da Biblioteca Universitária da UFSC:
<http://portalbu.ufsc.br/normalizacao-de-trabalhos-2/>

Para a elaboração do vídeo:
<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>

Revista digital de artigos da Gallaudet.
<http://dsdj.gallaudet.edu/>